

SUPORTES E MEDIADORES



UNICAMP

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Reitor

MARCELO KNOBEL

Coordenadora Geral da Universidade

TERESA DIB ZAMBON ATVARIS



Conselho Editorial

Presidente

MÁRCIA ABREU

EUCLIDES DE MESQUITA NETO – IARA LIS FRANCO SCHIAVINATTO

MARCOS STEFANI – MARIA INÊS PETRUCCI ROSA

OSVALDO NOVAIS DE OLIVEIRA JR. – RENATO HYUDA DE LUNA PEDROSA

RODRIGO LANNA FRANCO DA SILVEIRA – VERA NISAKA SOLFERINI

Lúcia Granja e Tania Regina de Luca
(org.)

SUPORTES E MEDIADORES

A CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA
DOS IMPRESSOS (1789-1914)

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990. Em vigor no Brasil a partir de 2009.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP
DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO
Bibliotecária: Maria Lúcia Nery Dutra de Castro – CRB-8ª / 1724

Su76 Suportes e mediadores: a circulação transatlântica dos impressos (1789-1914) / organização: Lúcia Granja e Tania Regina de Luca. – Campinas, SP : Editora da Unicamp, 2018.

1. Livrarias – História. 2. Editores e edição. 3. Produção cultural. 4. Editoras e globalização. I. Granja, Lúcia. II. Luca, Tania Regina de.

CDD - 070.9
- 070.52
- 306
- 070.5

ISBN 978-85-268-1465-3

Copyright © Lúcia Granja e Tania Regina de Luca (org.)
Copyright © 2018 by Editora da Unicamp

Esta publicação conta com o apoio da Fapesp (processo n. 2018/06875-2)

As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade do(s) autor(es) e não necessariamente refletem a visão da Fapesp.

Direitos reservados e protegidos pela lei 9.610 de 19.2.1998.
É proibida a reprodução total ou parcial sem autorização, por escrito, dos detentores dos direitos.

Printed in Brazil.
Foi feito o depósito legal.

Direitos reservados à

Editora da Unicamp
Rua Caio Graco Prado, 50 – Campus Unicamp
CEP 13083-892 – Campinas – SP – Brasil
Tel./Fax: (19) 3521-7718/7728
www.editoraunicamp.com.br – vendas@editora.unicamp.br

Digo: o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.

João Guimarães Rosa. *Grande sertão: Veredas*.

SUMÁRIO

NOTA INTRODUTÓRIA: CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA DOS IMPRESSOS –
A GLOBALIZAÇÃO DA CULTURA NO SÉCULO XIX – *Márcia Abreu e*
Jean-Yves Mollier.....9

APRESENTAÇÃO – *Lúcia Granja e Tania Regina de Luca* 15

PARTE 1 – IMPRESSOS E ATORES

1. UMA LIVRARIA INTERNACIONAL NO SÉCULO XIX, A LIVRARIA GARNIER
FRÈRES – *Jean-Yves Mollier*..... 33

2. CHEZ GARNIER, PARIS-RIO (DE HOMENS E DE LIVROS) – *Lúcia Granja* ... 55

3. LIVREIROS, IMPRESSORES E AUTORES: ORGANIZAÇÃO DE REDES
MERCANTIS E CIRCULAÇÃO DE IDEIAS ENTRE A EUROPA E A AMÉRICA
(1799-1831) – *Lucia Maria Bastos P. Neves e Tania Maria Bessone da*
C. Ferreira..... 81

4. EDIÇÃO E TRADUÇÃO DE LIVROS DIDÁTICOS PARA A ACADEMIA
REAL MILITAR DO RIO DE JANEIRO E SUA CIRCULAÇÃO NO MUNDO
LUSO-BRASILEIRO (1808-1833) – *Rogério Monteiro de Siqueira*.....111

5. TRAÇOS DA EDIÇÃO EM LISBOA NA VIRAGEM DO SÉCULO XIX PARA O
SÉCULO XX – *João Luís Lisboa e Daniel Melo*.....141

PARTE 2 – IMPRESSOS E SUPORTES

| | |
|--|-----|
| 6. REVISTAS DE CULTURA NO BRASIL DO OITOCENTOS: TRÂNSITOS E APROPRIAÇÕES. O CASO DA <i>REVUE DES DEUX MONDES</i> E DA <i>REVISTA BRASILEIRA</i> – <i>Eliana de Freitas Dutra</i> | 169 |
| 7. OS INTELECTUAIS E A CULTURA DEMOCRÁTICA: <i>A VIDA PORTUGUESA</i> (1912-1915) – <i>Adelaide Machado</i> | 201 |
| 8. SOBRE <i>VESPAS</i> , <i>FARPAS</i> E <i>FERRÕES</i> : CAMINHOS DA CRÔNICA NO BRASIL – <i>Mariana da Silva Lima</i> | 237 |
| 9. AS REVISTAS LUSO-BRASILEIRAS (1897-1914): <i>JORNAL DO BRASIL: EDIÇÃO QUINZENAL ILUSTRADA</i> (1897-1898) E <i>BRASIL-PORTUGAL: REVISTA ILUSTRADA</i> (1899-1914) – <i>Júlio Rodrigues da Silva</i> | 261 |
| 10. A <i>ILUSTRAÇÃO</i> (1884-1892): CARACTERIZAÇÃO E CONDIÇÕES DE POSSIBILIDADE – <i>Tania Regina de Luca</i> | 289 |
| 11. AGENTES DA CIRCULAÇÃO DE JORNAIS FRANCESES NO BRASIL (PASSAGEM DO SÉCULO XIX AO XX) – <i>Valéria Guimarães</i> | 321 |
| 12. O TEXTO E A IMAGEM NAS REVISTAS BRASILEIRAS COM CONTEÚDO DE MODA – <i>Ana Cláudia Suriani da Silva</i> | 359 |
| SOBRE OS AUTORES..... | 393 |
| ÍNDICE REMISSIVO..... | 399 |

NOTA INTRODUTÓRIA CIRCULAÇÃO TRANSATLÂNTICA DOS IMPRESSOS – A GLOBALIZAÇÃO DA CULTURA NO SÉCULO XIX

Márcia Abreu e Jean-Yves Mollier

Engana-se quem pensa que a globalização é uma novidade do nosso tempo. Frederick Cooper, um ferrenho crítico da globalização de cunho neoliberal em curso no século XX, mostra claramente a existência de conexões planetárias há centenas de anos, desde, por exemplo, o Império Mongol, que, no século XIV, se estendia da China à Europa Central.¹ As viagens marítimas, realizadas a partir do século XVI, ampliaram ainda mais as terras em contato, interligando partes da Ásia, da América, da África e da Europa, como mostra Serge Gruzinski.² Os historiadores Kevin H. O'Rourke e Jeffrey G. Williamson acreditam que o grande salto para a constituição de um mercado integrado de bens, trabalho e capital ocorreu na segunda metade do século XIX, e avaliam que os mercados mundiais estavam quase tão bem interligados na década de 1890 como na de 1990.³ Esse crescente movimento de integração planetária foi dramaticamente interrompido com as duas grandes guerras mundiais e ainda mais abalado com a Guerra Fria.

Por isso, o “longo século XIX”, na feliz expressão de Hobsbawm,⁴ pode ser mais bem compreendido se forem consideradas as intensas trocas entre

1 Cooper, 2001, pp. 189-213.

2 Gruzinski, 2004, 2012.

3 Cooper, 2001, p. 194.

4 O “longo século XIX” compreende o período entre a década de 1780 (marcada pela Revolução Industrial e pela Revolução Francesa) e 1914 (com o início da Primeira Guerra Mundial). Ver Hobsbawm, 1962, 1975, 1987.

diferentes partes do globo. Elas foram favorecidas por transformações técnicas como a ampliação da rede ferroviária, o desenvolvimento dos transportes marítimos, a criação da telegrafia elétrica, a introdução da prensa a vapor e a mecanização da fabricação de papel. Foram também beneficiadas pela significativa ampliação no número de leitores, devido ao crescimento demográfico, ao aumento das concentrações urbanas e à expansão dos sistemas educacionais. Editores, livreiros e empresários teatrais souberam tirar partido dessa situação, procurando alargar o mercado de compradores de livros, jornais e revistas, bem como atingir espectadores em regiões muito distantes de seus locais de origem. Souberam, também, buscar as melhores condições tipográficas e econômicas para a impressão de obras, descentralizando, de maneira notável, os polos da composição dos escritos, da impressão dos textos e da venda dos livros. Essas conexões eram também favorecidas pelo intercuro de letrados, que mantinham intensas trocas culturais, seja pessoalmente, seja por meio de seus escritos.

Trata-se de uma época particularmente interessante, pois, ao mesmo tempo em que se intensificavam as articulações comerciais e culturais, ocorriam processos de constituição de Estados nacionais independentes, com a afirmação das peculiaridades locais como alicerce da soberania política. Entretanto, esses movimentos não se fizeram como fenômenos restritos ao interior das fronteiras de cada país, mas como parte de um conjunto de trocas e contrastes (políticos, econômicos, culturais e sociais) com outras nacionalidades. Como ressaltam Michel Espagne e Michael Werner, “a própria definição do que é uma literatura nacional é praticamente impossível sem o recurso continuado a elementos de culturas estrangeiras”.⁵ Ou, como lembra Anne-Marie Thiesse, “nada pode ser mais internacional do que a formação das identidades nacionais”.⁶

O conceito de circulação afeta diretamente a ideia de fechamento sobre um território, especialmente quando se consideram os territórios nacio-

5 Espagne & Werner, 1994, p. 7.

6 Thiesse, 2001.

nais. As pesquisas aqui reunidas deixaram claro que as fronteiras nacionais não são um empecilho para o trânsito de livros, revistas, espetáculos e impressos em geral. Revelam também que as noções de centro e periferia são pouco apropriadas. Se a França é reconhecida por todos como lugar de produção das obras mais valorizadas e apreciadas, como ponto de passagem importante para a produção de traduções, como lugar relevante para a impressão de livros, são evidentes também os esforços para tornar produções de fora conhecidas e apreciadas na França, seja por iniciativa governamental, seja por decisões editoriais e comerciais. Mas, quando se consideram as relações entre outros lugares que não a França, como, por exemplo, Portugal e Brasil, vê-se que havia outros centros e eles nem sempre eram fixos. A antiga colônia destaca-se em diversos aspectos, como na rapidez na produção de traduções de romances folhetinescos ou na quantidade de leitores. Assim, não há um centro fixo nem uma periferia absoluta, como um fim de linha da cadeia de transmissão da cultura. Há múltiplos centros e eles não ocupam pontos fixos. Por isso, o conceito de circulação é tão apropriado, pois ele enfatiza a ideia de movimento e não estabelece lugares fixos de partida e de chegada.

Essa complexa situação é descrita e analisada nos três volumes que compõem a coleção *Circulação Transatlântica dos Impressos – A Globalização da Cultura no Século XIX*, fruto de trabalhos desenvolvidos no projeto homônimo por uma equipe internacional de pesquisadores.⁷ As investigações observam os atores das trocas entre os países (livreiros, editores,

7 O projeto, desenvolvido por pesquisadores do Brasil, da França, de Portugal e da Inglaterra, teve início em 2010 e contou com financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), da Universidade Estadual Paulista (Unesp), da Universidade de Lisboa (UL), da Universidade Nova de Lisboa (Nova), da Universidade de São Paulo (USP), da Universidade de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines (UVSQ) e da Universidade Sorbonne Nouvelle – Paris 3. Há mais informações sobre o projeto no *site* <<http://www.circulacaodosimpresos.iel.unicamp.br/>> e no diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq.

diretores de revistas, escritores, tradutores, críticos, trupes teatrais), assim como as instituições e os espaços onde elas ocorriam (bibliotecas, gabinetes de leitura, redações de jornais e revistas), dando especial atenção à circulação de letrados, bem como de romances, periódicos e espetáculos teatrais.

Os 37 trabalhos reunidos na coleção analisam o processo de difusão das culturas francesa, portuguesa, brasileira e inglesa em escala transatlântica, num momento de supremacia econômica inglesa e de nítida preponderância cultural francesa; explicam a ação dos diversos mediadores que tornaram as trocas culturais possíveis e refletem sobre a maneira pela qual a constituição da nacionalidade brasileira se processou em interação com impressos, editores e livreiros estrangeiros. Eles esclarecem os múltiplos circuitos percorridos pelos impressos e medem a velocidade com que publicações, pessoas e ideias circulavam, revelando a existência de importante sincronia no interesse por determinadas obras em distintos pontos da Europa e do Brasil.

Embora a cultura letrada não estivesse igualmente distribuída, tendo em vista a proeminência de Inglaterra e França na produção e na difusão de livros, a perspectiva adotada nessa coleção não coloca esses países como baliza de toda a produção cultural ou como referência para avaliação e análise daquilo que ocorria no restante do mundo. Ao contrário, presta-se atenção, por exemplo, aos esforços de divulgação da cultura brasileira no exterior, ao mesmo tempo em que se observam as diligências feitas por escritores, editores e empresários europeus para difundir sua produção para públicos cada vez mais amplos, a fim de consolidar sua relevância e ampliar seus lucros. Observam-se, assim, a permeabilidade entre as culturas e a interdependência entre os países.

Desse modo, perdem relevância as ideias de imitação e de atraso cultural, que resultam da supervalorização de algumas das nações mais desenvolvidas da Europa e de uma falta de atenção aos modos específicos de produção da cultura letrada nas diferentes partes do globo, seus fluxos e conexões, que são muito mais intensos do que normalmente se supõe. Evitando tanto o eurocentrismo quanto o exotismo, enfatiza-se a ideia de *circulação*,

pois o que interessa é observar o movimento *entre* a Europa e o Brasil, e não o fluxo de ideias e mercadorias *da* Europa *para* o Brasil. Ou seja, interessa pensar mais em termos de conexão do que de dependência cultural, mais em termos de apropriação do que de influência. Propõe-se, assim, uma compreensão mais acurada da cultura oitocentista, explicada em suas complexas relações transnacionais.

BIBLIOGRAFIA

- COOPER, Frederick. "What is the concept of globalization good for? An African historian's perspective". *African Affairs*, 100/399. Oxford, 2001, pp. 189-213.
- ESPAGNE, Michel & WERNER, Michael (orgs.). "Avant-propos". *Qu'est-ce qu'une littérature nationale? Approches pour une théorie interculturelle du champ littéraire*. Paris, Éditions de la Maison des Sciences de l'Homme, 1994 (Philologiques III).
- GRUZINSKI, Serge. *Les quatre parties du monde – Histoire d'une mondialisation*. Paris, Éditions de La Martinière, 2004.
- . *Laigle et le dragon – Démesure européenne et mondialisation au XVIe siècle*. Paris, Fayard, 2012.
- HOBBSAWM, Eric. *The age of revolution, 1789-1848*. London/New York, Weidenfeld & Nicolson/World Publishing, 1962.
- . *The age of capital, 1848-1875*. London, Weidenfeld & Nicolson, 1975.
- . *The age of empire, 1875-1914*. London, Weidenfeld & Nicolson, 1987.
- THIESSE, Anne-Marie, *La création des identités nationales – Europe XVIIIe-XIXe siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 2001.

APRESENTAÇÃO

Lúcia Granja e Tania Regina de Luca

Impressos são objetos que despertam grande interesse, não apenas por sua pluralidade intrínseca, mas também pelo fato de ser possível interrogá-los a partir de olhares e perspectivas metodológicas bem diferentes, como fica evidente ao longo dos textos que compõem este volume. Sua trajetória, desde a concepção até a produção e a difusão, pode envolver a ação de uma miríade de personagens – intelectuais, políticos, empresários, profissionais do mundo da edição (livreiros e seus agentes, impressores, editores, ilustradores, oficinas tipográficas). Objetos complexos, em termos de sua fatura e conteúdo, eles também colocam em circulação ideias, valores, projetos de ordem variada, que não se conformam às fronteiras nacionais. Aliás, esse é um dos seus traços distintivos, e ganhou ritmo inédito a partir do Oitocentos, graças às novas possibilidades abertas para a difusão da informação via cabos telegráficos, que uniu continentes, e aos avanços nos transportes, com as ferroviárias e o vapor nas rotas marítimas.

O presente volume reúne os resultados do projeto “A circulação transatlântica do impresso: A globalização da cultura no século XIX”, no que concerne aos eixos dedicados ao estudo de um tipo específico de impressos, os periódicos, e à movimentação de atores centrais no mundo dos impressos em geral: livreiros, editores, tipógrafos, diretores de revistas, escritores, tradutores, ilustradores, jornalistas, censores, atores e atrizes, empresários teatrais, leitores etc.

Um dos objetivos gerais delimitados pelo projeto comum que originou estes textos foi o de aprofundar a visada interdisciplinar da pesquisa acadêmica, ampliando também a discussão sobre as “culturas em contato” e sobre as trocas e a circulação de bens culturais no século XIX. Isso está representado já na equipe de nacionalidades, formações e áreas de atuação diferentes, como história, literatura (história literária) e matemática. Assim, os olhares teóricos e as leituras interpretativas apresentam perspectivas de abordagem e mobilizam fontes diversificadas, em consonância com o próprio material de pesquisa, que se distingue por sua natureza plural e multifacetada, potencializada pela temporalidade do projeto, que abarca o longo século XIX (1789-1914), no registro consagrado por Eric J. Hobsbawm.¹

Além disso, se, por um lado, a análise dos dados reforça a expansão de fenômenos e fatos socioculturais do século XIX (a leitura em larga escala, a circulação dos impressos em diferentes espaços, a formação de públicos-leitores, a gênese dos campos literário e intelectual, a instantaneidade da comunicação entre Europa-América, entre outros), por outro permite constatar que os conceitos até então mobilizados para esse tipo de análise afiguram-se insuficientes, como é o caso das noções de influência e cópia, do apego à ideia de nação ou, ainda, da prática de um comparatismo marcado pelas armadilhas do eurocentrismo e das generalizações.²

Na contramão dessas apreensões observa-se, a partir da década de 1990, multiplicarem-se as propostas de construção de narrativas que almejam dar conta de escalas ampliadas, bem expressas nas múltiplas denominações que, se não são rigorosamente equivalentes, expressam a ambição de extrapolar limites e de pensar de modo diverso as relações espaciais: história do mundo, história global, história cruzada, história transnacional etc.³

1 Consultar a trilogia de Hobsbawm, 1977, 1979 e 1988.

2 A respeito, ver Prado, 2005, pp. 11-33; Compagnon, 2009, pp. 1-14.

3 A questão é ampla e complexa, de modo que retomar os temas do debate extrapola os limites desta apresentação. A respeito, ver Bertrand, 2011; Chakrabarty, 2000; Gruzinski, 2011, pp. 1.081-1.091; Subrahmanyam, 1997, pp. 735-762.

Nessa empreitada, a noção de circulação assume centralidade e se fez acompanhar da problemática das transferências, trocas e mestiçagens, tomadas em diferentes direções e sentidos, o que convida a revisitar o processo de produção, mediação e recepção de objetos culturais.⁴ O esforço, portanto, deu-se no sentido de não apenas revisitar dados relativos às realidades específicas, mas também contribuir para matizar concepções interpretativas vigentes nas Ciências Humanas à luz desses mesmos dados.

Circunscrita a problemática, cabe explicitar a ordenação e o conteúdo do volume, constituído por duas partes distintas: uma destinada aos editores, livreiros e outros personagens do mundo da edição e outra dedicada aos impressos periódicos.

No que se refere ao mundo dos livros e da edição, os cinco textos que integram os debates feitos no âmbito do projeto apresentam e discutem: a história das ações culturais e econômicas dos livreiros Garnier (tanto os irmãos que permaneceram em Paris quanto aquele que se fixou no Rio de Janeiro por mais de 50 anos), importantíssimos atores e mediadores do universo dos livros no século XIX, bem como de suas consequências para a gênese do campo literário brasileiro – considerando, no caso desse conceito bourdieusiano, as especificidades locais – e para a configuração de uma economia empresarial internacional; a ação de livreiros, impressores, autores e tradutores na organização de redes mercantis e na circulação de ideias entre a Europa e a América (1799-1833), tendo como ponto de partida o Brasil do mesmo período; a situação da edição lisboeta na virada do século XIX ao XX, em suas relações com a circulação euro-americana do impresso.

4 A respeito, consultar Espagne, 2009, pp. 201-218; Gruzinski, 2001; Cooper-Richer; Mollier & Silem, 2005, coletânea que coloca em evidência as potencialidades, mas também os limites do conceito.

Nos dois capítulos sobre os livreiros-editores Garnier, produzidos por Jean-Yves Mollier e Lúcia Granja, os principais ganhos são para o conhecimento da história tão fundamental desses livreiros-editores e, o mais importante, para a discussão dos parâmetros teóricos e das leituras que se têm feito da relação entre bens culturais e sociedade, principalmente no século XIX. Dessa forma, ambos os textos sobre a presença e as ações editoriais de Baptiste-Louis Garnier no Brasil alinham-se, mostrando que, no processo de expansão da livraria francesa pelo mundo, as escolhas comerciais acabaram por contribuir para o processo que resultaria na estruturação do campo literário brasileiro e para a formação do gosto, tanto pela inserção dos leitores em comunidades mundiais de leitura quanto pela tentativa de reprodução desse gosto nas ações editoriais dirigidas ao público brasileiro, por meio das mesmas estratégias do mundo editorial europeu (particularmente o francês), mas também homogeneizando internacionalmente, pela expansão da edição francesa, as referências do público. A história da livraria e editora Garnier no Brasil, bem como de suas ações comerciais e literárias, sobre a qual se vinha, com poucas exceções, repetindo dados desde os anos 1980 (ancorados no trabalho pioneiro de Lawrence Hallewell), expandiu-se dentro do projeto, propondo dois pontos de impacto, que apontam também para desdobramentos interessantes: por um lado, reafirma-se que a união (e separação fictícia nos anos 1850-1860) das empresas Garnier da Europa e da América mostra-nos como elas foram concebidas, em termos de dimensões e ações, como uma empresa internacional de natureza familiar, um “grupo” voltado ao comércio euro-americano, ideia que modifica a cronologia da história das empresas internacionais de bens culturais; já o segundo ponto de impacto, e que tem gerado enorme discussão nos encontros do grupo, mostra que, da interação entre pesquisadores diferentes e assuntos vastos, esclareceu-se melhor o fenômeno do alinhamento da circulação dos bens e do gosto cultural em relação aos países europeus (considerando-se a juventude política das sociedades americanas e as especificidades do processo de formação nacional). Por sua amplitude e importância, deve-se, no mínimo, quando se considera o contato transatlântico no sécu-

lo XIX, concluir a favor de diferentes estágios de desenvolvimento das relações, segundo diferentes dimensões (social, política, econômica, cultural, entre outras). Ou seja: o impacto dos bens culturais no Brasil do século XIX é tão importante na América quanto na Europa, guardadas as dimensões de cada contexto, quando consideramos hábitos e práticas, além da relação entre essas atitudes/comportamentos e as transformações sociais. Garnier contribui para essa discussão, na medida em que, embora se perceba que a sociedade brasileira, como metonímia das sociedades latino-americanas, não possuía, em relação à Europa, todas as condições econômicas, de mercado, e nem as mesmas condições determinantes dos jogos de forças setoriais e gerais, vê-se que as ações comerciais e culturais dos livreiros-editores Garnier reproduzem as condições observáveis nas sociedades europeias. A oeste do Atlântico, essas ações mostram a germinação, por exemplo, dos campos literário e intelectual “que incorporam as economias editoriais, sendo que as práticas dos editores estão divididas entre uma sociabilidade intelectual e uma lógica capitalista”, para retomar as palavras de Roger Chartier, proferidas durante o debate dos textos do projeto, em outubro de 2014. O mesmo processo de transferência pode ser montado quando se pensa no mundo dos jornais e revistas, o que fica claro a partir da leitura deste volume.

No segundo grupo de capítulos sobre o mundo do livro, estão os textos de Tania Bessone em parceria com Lucia Bastos, assim como o de Rogério Monteiro de Siqueira. Na leitura de Bastos e Bessone, a circulação de livros e pessoas, tanto no eixo Europa-América quanto no eixo América-Europa, apresenta-se como um grande ganho. Desde o final do século XVIII, o livro integrava o circuito mercantil estabelecido entre Portugal e sua colônia – o Brasil. Quando da vinda da Corte para a América Portuguesa (1808) e da proclamação da Independência do Brasil (1822), essas redes de comércio livreiro ampliaram em muito o seu horizonte, tanto pelo lado francês (João Roberto Bourgeois, Paulo Agostinho Martim, Jean-Baptiste Bompard e Plancher) quanto pelo lado português (Francisco Luis Saturnino da Veiga e Manuel Joaquim da Silva Porto). Mostra-se também nesse texto algo que

tem sido apontado de forma geral por vários trabalhos do projeto, a internacionalização do gosto do público, ao mesmo tempo em que o início do mercado livreiro no Brasil aconteceu com o predomínio dos livros estrangeiros. A circulação transatlântica estende-se, ainda, à presença de atores ingleses, pois os negociantes-livreiros de origem inglesa, que comercializavam livros, sobretudo por meio de leilões (prática que se estendeu ao longo do século XIX), chegaram até mesmo às ações em torno do ensino da língua inglesa no Brasil, inclusive com a oficialização disso em 1809. Por fim, mostram o sentido inverso, ou os livros publicados no Brasil circulando na Europa, principalmente em Portugal, mas também na França. Embrenhado no mesmo período abordado no texto de Bastos e Bessone, Rogério de Siqueira descreve e analisa a modificação das práticas culturais e científicas no Brasil, após a instalação da Família Real Portuguesa na América. Nesse caso, a tradução de manuais científicos franceses, bem como a possibilidade de impressão desses textos depois da fundação da Imprensa Régia em 1808 e do início da Academia Real Militar em 1811, tinha como objetivo suprir as demandas pedagógicas da nova academia em terras brasileiras, ação que deve ser lida como continuidade de um Iluminismo português de final do século XVIII. Homens públicos e profissionais do impresso foram amplamente mobilizados nessa produção, que, a seguir, foi difundida em Portugal, fechando um dos círculos sobre os quais este projeto se tem debruçado.

No último texto da primeira parte, João Luís Lisboa e Daniel Melo analisam três características dominantes do comércio livreiro em Portugal na transição do século XIX para o XX: espaço de intervenção que abarca a França e o Brasil; associação sistemática entre recreação e formação; consolidação de programas de edição, em vez da resposta à solicitação de autores. Todo o conjunto resulta no estudo do dinamismo das empresas portuguesas da época. Partindo do contexto português, esse texto volta à questão do “gosto internacional”, decorrente da grande circulação dos livros e traduções, a partir do século XIX, e se pergunta de que maneira existe, se é que existe, uma unidade transatlântica do leitorado e do gosto.